

Um companheiro para o Guia para o Capital de Marx de David Harvey, Capítulo 1 - Critisticuffs

Fonte:

<https://libcom.org/library/companion-david-harveys-companion-marxs-capital-chapter-1-critisticuffs>

O Critisticuffs faz uma análise crítica do livro "A Companion to Marx's Capital", de David Harvey.

Introdução

David Harvey é o comentarista dominante sobre *O Capital*¹ em inglês. Muitos grupos de leitura de *O Capital* usam suas palestras em vídeo ou seu livro - *A Companion to Marx's Capital*² - como guia. *O Capital* pode ser um livro assustador, e os comentários de David Harvey têm incentivado muitas pessoas a pegar o livro e trabalhar nele. Em princípio, esse é um projeto valioso, pois muito pode ser aprendido sobre o mundo em que somos forçados a viver com esse livro antigo.

Os autores deste texto também se dedicaram recentemente à leitura de *O Capital*. No decorrer de nosso envolvimento com *O Capital*, encontramos problemas com o *Companion* de David Harvey e com a descrição que ele faz de *O Capital*. É importante destacar esses problemas não porque eles deturpem Marx - embora esse seja o caso com frequência - mas porque o relato de David Harvey em *A Companion* não explica adequadamente a mercadoria, o dinheiro e o capital; em suma, o capitalismo. Como consequência, as soluções que ele sugere para a miséria ao nosso redor não oferecem nenhuma saída, mas pressupõem as relações sociais que produzem essa miséria.

Como exemplo de tal tentativa de solução, observamos a sugestão mais recente de David Harvey para uma forma alternativa de dinheiro: dinheiro oxidável, que, segundo ele, impediria o acúmulo de poder social. Essa visão sobre o dinheiro está em oposição direta ao que se pode aprender com *O Capital* sobre o que são dinheiro e valor, bem como à visão de Marx sobre a questão das moedas alternativas³. Neste artigo,

¹ Karl Marx. *O Capital: Crítica da Economia Política*, Volume 1. Penguin Classics, 1990. No texto a seguir, citaremos essa obra como *Capital*.

² David Harvey. *A Companion to Marx's Capital*. Verso Books, 2010. No texto a seguir, citaremos essa obra como *A Companion*.

³ Veja a crítica de Marx ao dinheiro-trabalho, *Capital*, p.181, nota de rodapé 4.

mostraremos que essa oposição decorre da incompreensão de David Harvey sobre uma das categorias mais fundamentais da economia política: o trabalho abstrato, o trabalho que produz valor. Assim, analisaremos e explicaremos o que Marx diz sobre o trabalho abstrato no capítulo 1 e o contrastaremos com o comentário de Harvey sobre ele. Em seguida, abordaremos a recente proposta de Harvey para um novo dinheiro e mostraremos que ela se baseia em uma apreciação da circulação e produção de mercadorias, ou seja, as condições sob as quais o trabalho é expresso em valor. Por fim, criticamos o relato de David Harvey sobre o caráter fetichista da mercadoria.

Há muito mais a criticar em *A Companion* do que o que tratamos aqui: A tendência de Harvey de transformar *O Capital* em um enigma cheio de "afirmações enigmáticas" e "saltos a priori", seu conselho de procurar palavras específicas sem explicar por quê, sua tendência de falar sobre pontos totalmente diferentes em vez de falar sobre o que está diante de nós⁴ e sua tendência de discutir processos, movimentos e padrões de argumentos em vez de explicar o argumento específico sobre o processo real de movimento que ele está comentando. Embora tudo isso limite a utilidade do *A Companion* como guia para a leitura de *O Capital*, nosso foco será o conteúdo econômico do *A Companion* e como ele se relaciona com o conteúdo do capítulo 1 de *O Capital*.

Capítulo 1, seção 1: valor de uso, valor de troca, valor

Para entender como *A Companion* falha em criticar corretamente o capitalismo, é útil dar uma olhada no resumo de Harvey do argumento em *O Capital* até o ponto em que ocorre o primeiro erro fundamental. Para os leitores que não estão familiarizados com *O Capital* (ou com o comentário de Harvey sobre ele), espera-se que isso torne o argumento de Marx nas primeiras páginas de *O Capital* suficientemente claro para permitir que se passe para o ponto em que *A Companion* começa a se afastar de Marx.

Abaixo está um trecho do livro *A Companion*, no qual Harvey resume o argumento de Marx como ele o explicou até agora. Dividimos o que Harvey diz para que possamos acrescentar nossos próprios comentários após cada parte de Harvey.

"A história até agora é mais ou menos esta: Marx declara que seu objetivo é descobrir as regras de operação de um modo de produção capitalista. Ele começa com o conceito de mercadoria e imediatamente estabelece seu caráter duplo: valor de uso e valor de troca."

⁴ Por exemplo, aprendemos pouco sobre a taxa de mais-valia em *A Companion*, p.131, mas somos tratados com uma deliberação sobre a taxa de lucro que só é introduzida no volume 3 de *O Capital*.

- *A Companion*, p.25

Como menciona David Harvey, uma commodity é algo que é útil (ou seja, pode ser usado) e vendável. Uma mercadoria deve ter essas duas qualidades. Algo que não é útil não pode ser vendido: um queijo que está estragado não pode ser vendido. O oposto também é verdadeiro - uma mercadoria que não é vendida não pode ser usada: alimentos não vendidos são jogados em caçambas trancadas.

"Como os valores de uso existem desde sempre, eles nos dizem pouco sobre a especificidade do capitalismo."

- *A Companion*, p.25

As pessoas cultivavam uvas e produziam vinho, muito antes de produzirem vinho *para* vendê-lo. Em todas as sociedades, as pessoas fazem uso das coisas que produziram. Portanto, a consideração de suas qualidades úteis em geral não pode nos ajudar a entender a especificidade da mercadoria.

"Portanto, Marx os deixa de lado para estudar os valores de troca. A princípio, as relações de troca entre as mercadorias parecem acidentais, mas o próprio ato de troca pressupõe que todas as mercadorias têm algo em comum que as torna comparáveis e comensuráveis. Essa semelhança, afirma Marx de forma enigmática, é que todas são produtos do trabalho humano."

- *A Companion*, p.25

Quando consideramos apenas a troca de um tipo de mercadoria por outro tipo, a taxa de troca parece acidental.⁵ Assim, uma garrafa de um determinado vinho é trocada por três peças de um tipo específico de queijo fedorento. O valor de troca de qualquer garrafa desse vinho é qualquer um desses três queijos fedorentos. O que isso nos diz sobre o valor de troca do vinho? Significa que o vinho pode ser usado como um recurso para acessar um determinado número desses queijos. Marx comenta que a proporção pode, de qualquer forma, variar de um lugar para outro e ao longo do tempo - talvez em outro lugar eu consiga quatro queijos pelo meu vinho ou talvez no ano passado eu tenha conseguido apenas dois queijos. Se considerarmos essa relação apenas como entre duas mercadorias específicas, ela pode parecer acidental. A variabilidade da proporção em que o vinho é trocado por queijo faz parecer que o fato de essa troca ser possível não tem nada a ver com alguma propriedade intrínseca do vinho.

Entretanto, em princípio, toda mercadoria pode ser trocada por qualquer outra mercadoria. O vinho pode ser usado não apenas para obter queijo - em outras palavras, como um recurso de acesso ao queijo - mas também, em quantidade suficiente, como um recurso de acesso a qualquer outra coisa - peras, cópias do *Capital*, iPhones. Existe um sistema social que permite a troca de todas as mercadorias. Qualquer coisa feita por um produtor pode, em princípio, ser trocada (usada como um meio de acesso) por qualquer coisa feita por outro produtor. O fato de as garrafas de vinho terem a qualidade de, no número adequado, poderem ser trocadas por qualquer outra mercadoria é claramente revelado não como uma característica específica do vinho em relação ao queijo, mas como uma característica geral do vinho em relação a todas as outras coisas produzidas. O vinho tem essa característica de permutabilidade geral, de ser um recurso de acesso à riqueza social: ele é valor. A variabilidade das proporções em que ele é trocado não muda isso - a permutabilidade como tal permanece independentemente de tais flutuações. Além disso, o que se aplica ao vinho também se aplica ao queijo, às peras, às cópias de *Capital*, aos iPhones e a qualquer outra mercadoria: eles também são recursos de acesso à riqueza social, permutáveis, valor.

De onde vem essa qualidade geral de permutabilidade e por que ela está relacionada ao trabalho humano, como "Marx afirma de forma enigmática"?

Para que as coisas úteis tenham a qualidade de poderem ser usadas como recurso de acesso a outras mercadorias, deve haver uma divisão do trabalho: de modo que algumas pessoas façam algumas das coisas necessárias e outras façam outras coisas. Essa divisão de trabalho significa que as pessoas produzem umas para as outras e, portanto, dependem umas das outras para satisfazer suas necessidades.

Mas, para que os objetos tenham valor, é necessário mais. Diferentemente do requisito anterior, isso requer uma forma específica de organização social: as coisas úteis precisam ser produzidas de forma privada; o que é produzido é propriedade privada. Ou seja, os produtores excluem os outros das coisas que possuem por meio da instituição da propriedade privada⁵. Portanto, embora os produtores dependam uns dos outros, eles se excluem mutuamente de seus produtos. A dependência mútua que surge devido à

⁵ Ao contrário da crença popular, a essência econômica da instituição da propriedade privada não é que as pessoas sejam deixadas sozinhas com suas próprias coisas. Em vez disso, todos são excluídos das coisas que não possuem e são forçados a usar o que possuem como um meio de obter acesso à riqueza da sociedade.

divisão do trabalho pode, portanto, ser aproveitada: os proprietários de mercadorias podem usar a necessidade de outras pessoas pelo que elas têm como meio de forçá-las a se desfazerem de suas propriedades. A permutabilidade ou o fato de que as mercadorias são recursos de acesso à riqueza social baseia-se, portanto, na exclusão mútua e geral da riqueza social⁶.

Mas a capacidade - garantida pela lei, ou seja, pelo Estado - de excluir outras pessoas de seus produtos não as obriga, por si só, a dar sua propriedade em troca. A propriedade que alguém reivindica deve exigir esforço para ser produzida. A necessidade final é que a produção de coisas úteis exige esforço humano⁷. Se fosse possível produzir algo sem nenhum esforço, então não poderia ser usado como um meio dessa forma (ninguém vende o ar)⁸.

A razão pela qual as mercadorias são produzidas é para se tornarem recursos de acesso ou poder de acesso à riqueza social, e o fato de serem úteis é apenas uma condição necessária, e não sua finalidade. O objetivo da fabricação de queijo é produzir mercadorias que possam ser trocadas. Isso implica uma sociedade inteira organizando sua produção para troca, e não para atender às necessidades. Se você é um produtor de queijo, a fome de outras pessoas é apenas um meio para poder trocar seu queijo, já que sua principal preocupação é validar seu queijo como riqueza social. Para isso, você precisa encontrar pessoas capazes de comprar seu queijo e convencê-las de que vale a pena trocá-lo por ele; somente assim você terá acesso à riqueza produzida na sociedade⁹.

⁶ Esse é o primeiro motivo abstrato para a justaposição de pobreza e riqueza nessa sociedade.

⁷ "A tagarelice sobre a necessidade de provar o conceito de valor decorre apenas da completa ignorância tanto do assunto em discussão quanto do método da ciência. Toda criança sabe que qualquer nação que parasse de trabalhar, não por um ano, mas, digamos, apenas por algumas semanas, pereceria. E toda criança sabe, também, que as quantidades de produtos correspondentes às diferentes quantidades de necessidades exigem quantidades diferentes e quantitativamente determinadas do trabalho agregado da sociedade. É evidente que essa necessidade de distribuição do trabalho social em proporções específicas certamente não é abolida pela forma específica de produção social; ela só pode mudar sua forma de manifestação. As leis naturais não podem ser abolidas de forma alguma. A única coisa que pode mudar, sob condições historicamente diferentes, é a forma em que essas leis se manifestam. E a forma pela qual essa distribuição proporcional do trabalho se afirma em um estado de sociedade no qual a interconexão do trabalho social se expressa como a troca privada dos produtos individuais do trabalho é precisamente o valor de troca desses produtos." - Marx Para Ludwig Kugelmann, Londres, 11 de julho de 1868, disponível em <https://www.marxists.org/archive/marx/410.htm>.

⁸ Há outras coisas que podem ser usadas como recursos de acesso à riqueza social e que não podem ser produzidas, como terras não desenvolvidas. As leis econômicas que regem os preços dessas coisas são, portanto, diferentes daquelas que regem os produtos do trabalho.

⁹ O fato de uma pessoa estar com fome e haver queijo disponível não significa que ela vai comer queijo. Se ela não conseguir encontrar algo para trocar por queijo, morrerá de fome. O fato de existirem os meios para aliviar a fome não é um fator para determinar se você pode ou não ter acesso a eles.

Você coage os outros por meio das necessidades deles para obter o que você precisa. É uma dependência mutuamente antagônica. Dependemos um do outro para produzir as coisas de que precisamos - eu preciso que você produza queijo para satisfazer minha fome -, mas nossos interesses são opostos: Eu preciso que você precise do meu vinho, para que eu possa usá-lo como alavanca para ter acesso ao seu queijo. É uma produção mútua organizada como uma competição entre nós.

Assim, para que as mercadorias sejam portadoras de valor de troca - para serem valor - é necessário um sistema social específico. Nesse sistema, o trabalho humano é realizado para produzir propriedade privada - um pouco da riqueza social como tal. Essa propriedade privada é usada como uma alavanca para explorar as necessidades dos outros a fim de obter acesso à riqueza social.

Trabalho abstrato

Agora que adquirimos um pouco de contexto, vamos encontrar a passagem em que Marx fala pela primeira vez sobre trabalho abstrato - o conceito fundamental que afirmamos que David Harvey não consegue entender - e contrastá-la com o comentário em *A Companion*.

"Se fizermos abstração de seu valor de uso, abstrairemos também dos constituintes e formas materiais que o tornam um valor de uso. Ele não é mais uma mesa, uma casa, um pedaço de fio ou qualquer outra coisa útil. Todas as suas características sensoriais são extintas. Tampouco é mais o produto do trabalho do marceneiro, do pedreiro ou do fiandeiro, ou de qualquer outro tipo específico de trabalho produtivo. Com o desaparecimento do caráter útil dos produtos do trabalho, o caráter útil dos tipos de trabalho neles incorporados também desaparece; isso, por sua vez, implica o desaparecimento das diferentes formas concretas de trabalho. Elas não podem mais ser distinguidas, mas são todas reduzidas ao mesmo tipo de trabalho, o trabalho humano em abstrato."

- *Capital*, p.128

Tanto o vinho quanto o queijo são intercambiáveis, e isso se baseia no fato de ambos serem produtos do trabalho; é preciso esforço para produzi-los, o que permite que sejam usados como alavancas. Sua capacidade de troca não é uma qualidade de seus corpos físicos específicos: um é líquido e o outro é sólido. Em outras palavras: quando duas

mercadorias são equiparadas em uma troca, a questão é que elas são diferentes¹⁰. Mas no ato da troca, todas as suas diferenças são abstraídas, de modo que tudo o que nos resta é o seu valor. O trabalho que os produziu é, portanto, transformado: Não é a fabricação de queijo ou de vinho, mas simplesmente o trabalho humano como tal, abstraído de sua forma específica, que conta e que constitui o valor. Não se trata apenas de um exercício intelectual, mas de uma abstração que é feita na prática quando as mercadorias são trocadas. O que constitui a riqueza nessa sociedade é a característica puramente negativa do trabalho, a pura labuta, o esforço, o "dispêndio de cérebros, músculos, nervos, mãos etc. humanos".¹¹ - em suma, o trabalho abstrato - e não o fato de ele produzir todas as coisas úteis que gostamos e precisamos consumir - isso é apenas uma condição.

Harvey oferece o seguinte comentário sobre essa passagem:

"Mas ele [Marx] imediatamente pergunta: que tipo de trabalho humano está incorporado nas mercadorias? Não pode ser o tempo gasto de fato - o que ele chama de trabalho concreto - porque, nesse caso, quanto mais tempo fosse necessário para produzir a mercadoria, mais valiosa ela seria. Por que eu pagaria caro por um item porque alguém levou muito tempo para produzi-lo quando posso comprá-lo pela metade do preço de outra pessoa que o produziu na metade do tempo? Portanto, conclui ele, todas as mercadorias são "reduzidas ao mesmo tipo de trabalho, o trabalho humano em abstrato".

- A Companion, p.18

Esse comentário não se envolve com a citação que está comentando. Vamos explicar.

1. Qualidade e quantidade

Em primeiro lugar, observe como "tipo de trabalho humano" se torna "tempo gasto". *A Companion* salta imediatamente para a determinação quantitativa do trabalho, enquanto Marx está discutindo sua qualidade. Harvey fala sobre "quanto" - magnitude - sem estabelecer quanto "de quê". Mas a qualidade - "o que é isso?" - é o que está sendo investigado aqui. É como se o companheiro de David Harvey não encontrasse nada

¹⁰ "Casacos não podem ser trocados por casacos, um valor de uso não pode ser trocado por outro do mesmo tipo." - *Capital*, p. 132.

¹¹ *Capital*, p.134.

digno de nota para explicar sobre o trabalho abstrato, como se sua única preocupação fosse a quantidade dele.

2. Substância do valor: Trabalho abstrato congelado

No entanto, *A Companion* não apenas deixa de discutir o trabalho abstrato, como também o exemplo "por que ... pagar muito por um item ... quando posso comprá-lo pela metade do preço" fala de um ponto totalmente diferente. Quando você compra uma cadeira, não está abstraindo seu valor de uso: você precisa de um objeto no qual possa se sentar confortavelmente. Portanto, você também está procurando um fabricante de cadeiras habilidoso que venda a cadeira por um preço baixo. O que Marx está falando aqui é sobre todos os diferentes tipos de produtos do trabalho e os trabalhos que os produzem sendo abstraídos, equiparados e confrontados pelo ato de troca: queijo, vinho e todos os outros produtos são equiparados a cadeiras quando o fabricante de cadeiras vende sua cadeira. Eles certamente não são a mesma coisa e também são produtos de tipos muito diferentes de trabalho: fabricação de queijo, fabricação de vinho e fabricação de cadeiras. No entanto, no que diz respeito ao valor, eles são considerados a mesma coisa. Mas *A Companion* ignora que os produtos da fabricação de queijo são equiparados aos produtos da fabricação de vinho.

Nessa sociedade, a produção é feita uns para os outros, mas o padrão não é apenas se a outra parte precisa de um valor de uso, mas esse valor de uso deve ser usado como uma alavanca para obter acesso à riqueza social. Uma alavanca cuja força é tão grande quanto a quantidade de esforço geralmente necessária para produzir esse valor de uso - posso exigir riqueza social em troca de meu produto porque ele exige esforço e outros precisam dele¹². Você precisa do meu queijo, mas meu queijo é meu meio de obter acesso à riqueza social da qual, de outra forma, eu estaria excluído. Posso exigir esse acesso quando meu queijo conta como riqueza social (ou seja, encontra demanda efetiva). Para isso, não importa se eu faço queijo ou vinho, mas apenas que isso exige esforço. O trabalho não é realizado apenas para produzir valores de uso, mas para produzir um pouco de riqueza social, para contar como parte do trabalho social. Somente sob essas condições sociais é que o fato de o trabalho ser um esforço se afirma como uma qualidade dos produtos do trabalho: o valor.

¹² A relação não é que eu possa ter acesso à riqueza social porque gastei esforço para produzir minha mercadoria - o valor não é uma recompensa pelo trabalho realizado -, mas porque é necessário esforço para produzi-la e outras pessoas precisam dela, o que significa que posso usar isso como uma alavanca.

3. Leis econômicas e senso comum

Mas como o *A Companion* não pergunta "o que é trabalho abstrato?", ele também não explica como a magnitude do valor é estabelecida. Ou seja, colocar a pergunta "por que eu pagaria mais?" como uma forma de começar a explicar a magnitude do valor não permite explicá-la. É justo que David Harvey não queira pagar o dobro, mas por que esse ponto de vista é válido? Por que ele pode pagar menos? Por que o fabricante de cadeiras mais lento não pode afirmar que trabalhou o dia todo em sua cadeira e exigir em troca dinheiro suficiente para se reproduzir? Por que o ponto de vista dela não é válido, mas sim o ponto de vista do comprador? Por que o ponto de vista do comprador de exigir um preço barato só é válido quando um segundo produtor conseguiu produzir mais rápido? Isso é o que Marx explica quando discute a magnitude do valor - tempo de trabalho socialmente necessário - mas a redução dessa discussão ao ponto de vista do senso comum do comprador em *A Companion* remove todo o conteúdo explicativo: ele argumenta com a racionalidade econômica baseada nas leis econômicas dessa sociedade sem explicar quais são essas leis.

Tempo de trabalho socialmente necessário e produtividade do trabalho

A observação "posso obtê-lo pela metade do preço de outra pessoa que o produziu na metade do tempo" é o fato que precisa ser explicado, em vez de ser usado como uma explicação em si.

Suponha dois fabricantes de cadeiras com diferentes níveis de produtividade. A fabricante de cadeiras Alice produz o dobro de cadeiras que o fabricante de cadeiras Bob no mesmo período. Alice pode estar preparada para aceitar um pouco menos em troca de suas cadeiras do que Bob, fazendo um lance inferior ao dele para garantir que ela troque todas as suas cadeiras. Como resultado, Bob pode não conseguir trocar suas cadeiras por material suficiente para permitir que ele se reproduza, arruinando-o. À medida que o nível de produtividade de Alice se generaliza, o que ela pode obter por suas cadeiras cai para o nível recém-estabelecido de tempo de trabalho socialmente necessário: se um ramo da indústria vive ganhando muito com pouco trabalho, outros produtores se transferirão para esse ramo da indústria, aquecendo a concorrência, reduzindo as taxas de troca de, por exemplo, cadeiras em sua concorrência ruinosa.

Tudo isso pressupõe que Alice concorra com Bob para atrair a demanda efetiva, no exemplo de David Harvey, sua demanda efetiva por uma cadeira. Essa é uma relação

social bastante particular. Do ponto de vista do consumo, se foram produzidos 10 kg de queijo, tudo o que importa é se ele é suficientemente fedorento ou não. Se não houver queijo suficiente, não há queijo suficiente e mais precisa ser produzido. Entretanto, nessa sociedade, se por algum motivo você não conseguiu produzir tanto queijo quanto de costume ou quanto os outros, você também está excluído do vinho, dos iPhones etc. Além disso, se a produtividade da mão de obra na fabricação de cadeiras dobrar, mais cadeiras serão produzidas ao mesmo tempo. Do ponto de vista do consumo, duas cadeiras acomodam mais pessoas do que uma, portanto, a riqueza aumentou. Do ponto de vista da produção de mercadorias, a mesma quantidade de esforço foi despendida, portanto a riqueza não aumentou. Finalmente, nessa sociedade, se meu queijo não for considerado riqueza social - ou seja, não encontrar comprador - todo o meu trabalho foi em vão¹³. Eu poderia ter produzido no nível normal de produtividade, mas muitos produtores produziram queijo na expectativa de poder trocá-lo. O padrão de tempo de trabalho socialmente necessário é imposto aos produtores imediatos, e todo trabalho que não passa no teste é desperdiçado. A sociedade em que o trabalho abstrato constitui a riqueza é bastante generosa com o gasto do trabalho real. Tudo isso tem como premissa o fabricante de cadeiras competindo com o fabricante de cadeiras e todos os produtores competindo com todos os outros produtores.

A Companion trata esse antagonismo entre diferentes fabricantes de cadeiras como evidente e como um dado a priori, assim como trata como um dado a priori o antagonismo entre produtores de diferentes valores de uso. Ele assume casualmente o ponto de vista de alguém envolvido nessa relação antagônica, em vez de tentar entender sob quais relações sociais esse ponto de vista é válido.

Quando Marx declara que "a dupla natureza do trabalho contido nas mercadorias [trabalho concreto e abstrato] (...) é crucial para a compreensão da economia política"¹⁴, o *A Companion* não capta o conteúdo crítico e não explica ou sequer menciona a diferença e a oposição entre trabalho concreto e trabalho abstrato. Como resultado, como veremos, Harvey coloca o dinheiro contra a troca e o valor.

¹³ Em um de seus melhores momentos, *A Companion* reconhece isso, mas, estranhamente, apenas quando o capítulo sobre fetiche é discutido: "Posso fazer algo bonito e levá-lo ao mercado, mas se eu não conseguir trocá-lo, ele não terá valor. Além disso, não terei dinheiro suficiente para comprar mercadorias para viver". - *A Companion*, p. 42.

¹⁴ *Capital*, p. 132.

Análise de forma de valor: Commodities e dinheiro

A objeção de Harvey - e o que ele postula contra o valor - não é o fato de o dinheiro representar valor e fazer circular as mercadorias, mas o fato de alguém poder retê-lo:

*"Isso significa [...] que a produção e a comercialização da mercadoria-dinheiro, bem como sua acumulação (eventualmente como capital), estão em mãos privadas, **mesmo quando ela desempenha sua função social universalizante.**"*

- *A Companion*, p.35, nossa ênfase

"Ou sobre a questão monetária - precisamos de dinheiro para fazer circular as mercadorias, sem dúvida. Mas o problema com o dinheiro é que ele pode ser apropriado por pessoas privadas. Ele se torna uma forma de poder pessoal e, depois, um desejo fetichista."

- David Harvey em uma entrevista para a Red Pepper

"O que é dinheiro e existe uma contradição na forma monetária? Acontece que o dinheiro é, na verdade, uma reivindicação do trabalho social e, portanto, há uma contradição, em termos marxistas, entre dinheiro e valor. [...] Como meio de circulação, o dinheiro é bastante neutro. O grande problema do dinheiro é sua função como reserva de valor, porque como reserva de valor ele pode armazenar poder social."

- David Harvey, *The Contradictions of Capital* (17"24)

De acordo com Harvey, a situação é mais ou menos assim: as mercadorias são produzidas para serem trocadas. Isso exige que o dinheiro represente o valor, mas, de alguma forma, o dinheiro também adquire a função de reserva de valor, e é nessa função que começa o problema com o modo de produção capitalista. Isso significa que ele não tem problemas com a subordinação da produção e do consumo sob a troca de mercadorias; nem com o fato de que o tempo de trabalho socialmente necessário é afirmado contra os produtores imediatos como o padrão que eles têm de cumprir; nem que o aspecto puramente negativo do trabalho - o esforço - é o que constitui a riqueza nessa sociedade. Em todo caso, de acordo com Harvey, não há conexão necessária entre valor e dinheiro como reserva de valor e, portanto, há uma solução fácil:

"A representação do valor na forma de dinheiro é uma perversão do que é o valor; é uma contradição. [...] O que isso sugere é que, se você quiser impedir a formação de

classes, se quiser impedir a apropriação individual do valor social, terá de criar uma forma de dinheiro que seja anticumulação. Marx diz que o ouro e a prata são as mercadorias monetárias porque não são oxidáveis. [...] Eles mantêm seu caráter. Você pode acumular valor, poder social. E vemos o que acontece nas sociedades. Mas se você tivesse uma forma de dinheiro que se dissolvesse, que fosse oxidável, acabaríamos em um tipo muito diferente de sociedade. Você teria uma forma de dinheiro que ajudaria a circulação, mas que não facilitaria a acumulação."

- David Harvey no [painel Platypus Radical Interpretations of the Present Crisis \(1'55"19\), 14 de novembro de 2012](#)¹⁵

Isso descaracteriza o valor, a análise da forma-valor, o dinheiro e a acumulação.

1. Valor

Harvey caracteriza o dinheiro como uma forma de poder social e uma reivindicação do trabalho social e o contrasta com o valor. Mas o que é o valor se não o poder social e uma reivindicação do trabalho social? Como vimos, uma cadeira não é produzida para ser consumida pelo fabricante de cadeiras, mas para ser trocada. Para o fabricante de cadeiras, ela representa sua reivindicação contra a sociedade em relação ao trabalho social, ou seja, todas as coisas que são produzidas. Sua cadeira é seu meio de acesso a essas coisas e, nesse sentido, conta apenas como um pouco de riqueza social como tal. É isso que significa permutabilidade. Um fabricante de cadeiras não tem um depósito cheio de cadeiras para sentar-se nelas, mas para vendê-las. Essas cadeiras são sua reivindicação de possuir riqueza social. Portanto, a caracterização de Harvey do dinheiro como poder social está correta, mas contrastar isso com o valor está errado: tudo e qualquer coisa que é produzida para o mercado afirma ser poder social. É esse ponto que David Harvey ignora em *A Companion*, quando reduz o caráter dual do trabalho incorporado às mercadorias a um mero "por que eu pagaria mais?", considerando que não vale a pena se preocupar com tudo o que lhe permite adotar esse ponto de vista.

¹⁵ Da mesma forma: "As pessoas mobilizam suas vidas em torno da busca por esse dinheiro, mesmo quando ninguém sabe que ele existe. Portanto, temos que mudar o sistema monetário - ou taxar os excedentes que as pessoas estão começando a obter ou criar um sistema monetário que se dissolva e não possa ser armazenado, como as milhas aéreas." - David Harvey
<http://www.redpepper.org.uk/david-harvey-interview-the-importance-of-postcapitalist-imagination/>.

A grande diferença, entretanto, entre uma cadeira e o dinheiro é que uma cadeira ainda precisa provar que é um poder social de acesso - precisa ser vendida - enquanto o dinheiro é imediatamente reconhecido como tal. Como isso acontece?

2. Análise da forma de valor

Embora David Harvey aceite um dos resultados da análise da forma-valor de Marx, ou seja, que o valor deve ser expresso em dinheiro, ele não segue o argumento. As mercadorias são produzidas para serem trocadas. Mas antes que possam ser trocadas, elas devem expressar que são imediatamente trocáveis e, portanto, são um pouco da riqueza social. Uma commodity não é apenas essa commodity específica, digamos, o vinho, mas também qualquer outra coisa que esteja disponível no mercado. Uma analogia com o mundo da vaidade seria se expressássemos o quanto somos famosos. Poderíamos dizer: "Somos tão famosos quanto David Harvey". Se David Harvey for universalmente reconhecido como famoso, então teremos expressado com sucesso nossa afirmação de que somos famosos.

Se outras pessoas usarem Owen Jones como ponto de referência para a fama, não teremos um ponto de referência comum para expressar nossa fama. Algumas pessoas podem não reconhecer nossa reivindicação de fama, pois só reconhecem Owen Jones como imediatamente famoso, e não David Harvey. Essa é uma das críticas à forma simples de valor apresentada em *O Capital*, e não tem nada a ver com escambo, como afirmado em *A Companion* na página 30. A transição da forma simples de valor para a forma expandida de valor não se deve ao fato de estarmos em "um campo complexo de trocas como o mercado"¹⁶ em oposição à simples troca, mas porque a forma simples de valor não consegue expressar que nossa mercadoria é realmente valor, ou retornar à analogia de que somos realmente famosos.

Entretanto, ao expressar nossa fama apontando para David Harvey, também atribuiríamos a ele a qualidade máxima de ser famoso - uma pessoa que todos nós reconhecemos imediatamente como famosa. Agora, ao fazer isso, também negaríamos nossa própria fama imediata. Se fôssemos verdadeira e imediatamente famosos, não precisaríamos apontar para David Harvey para expressar isso: "Vejam, acreditem em nós, somos famosos, assim como David Harvey!", as pessoas reconheceriam imediatamente nossa fama. Ao afirmarmos nossa fama apontando para David Harvey,

¹⁶ *A Companion*, p. 31.

também estamos expressando que não a temos imediatamente. Assim, estaríamos nos abrindo para a crítica: "Você afirma ser tão famoso quanto David Harvey? Prove-o!"

3. Dinheiro

Para deixar de lado a analogia um tanto tola: quando todas as mercadorias expressam que têm valor em uma única mercadoria, elas também declaram que essa única mercadoria é a mercadoria que tem valor puro e simples. Essa mercadoria é o dinheiro. Afinal de contas, elas sempre apontam para essa única mercadoria para expressar que são valor como ela. Todas as mercadorias têm uma etiqueta de preço para expressar o quanto são de riqueza social. Ao mesmo tempo em que negam que são imediatamente valor, a etiqueta de preço indica que não são imediatamente dinheiro. Portanto, elas precisam provar isso. Não basta ter um preço, as commodities precisam ser vendidas. Somente depois de uma mercadoria ter sido trocada com dinheiro é que ela é validada como parte da riqueza social. Em uma sociedade em que as pessoas negam umas às outras os meios para satisfazer suas necessidades e em que a produção para cada uma delas ocorre em concorrência entre si, provar que uma mercadoria é de fato valor e, portanto, permite o acesso à riqueza da sociedade é o passo precário, o "salto mortale" da mercadoria. Uma cadeira pode ou não ser vendida por dinheiro. O dinheiro, entretanto, sempre pode - em quantidade suficiente - ser trocado por qualquer outra mercadoria.

Em outras palavras, em uma sociedade baseada na produção e troca de mercadorias, os produtores privados produzem esperando que seu trabalho privado seja validado como trabalho social, que seu produto seja validado como um pouco de riqueza social. Será que eles produziram em vão ou produziram uma cadeira que comanda a riqueza social? Somente o dinheiro conta imediatamente como riqueza social e permite o acesso a toda a riqueza da sociedade. Portanto, tornar-se dinheiro é a validação bem-sucedida de que um determinado trabalho privado é um trabalho social. O dinheiro como poder social de acesso puro e simples é a forma direta necessária de aparecimento da riqueza social em uma sociedade em que a produção é independente e privada, em competição contra outros, mas para outros.

4. Acumulação

Portanto, armazenar valor não é um domínio exclusivo do dinheiro, ele é apenas melhor nisso do que as coisas, que são apenas mercadorias. No entanto, a solução de David

Harvey para a "acumulação" com o dinheiro oxidável não é o ponto principal. A forma como o dinheiro é acumulado não é por meio de sua retenção. O relato de Harvey sobre acumulação é, na verdade, um relato de entesouramento. O entesouramento funciona negando ao dinheiro a capacidade de satisfazer sua sede por um vinho requintado; você fica mais rico ao deixar de consumir. O que a pessoa que acumula faz é acumular poder social por não usá-lo como poder enquanto o acumula: seu dinheiro não exerce seu poder de acesso à riqueza social, ele é retirado de circulação. Trata-se apenas de poder latente, como Marx aponta na crítica ao entesourador¹⁷. De fato, a acumulação capitalista não é mera acumulação. As empresas não se limitam a guardar seu dinheiro, pois um capitalista que faz isso não é um bom capitalista. Em vez disso, as empresas investem em algo que as fará expandir: por exemplo, os capitais industriais contratam trabalhadores por menos do que o valor que esses trabalhadores produzem.

O fato de que a solução de Harvey não é solução alguma é demonstrado adequadamente pelo fato de que o dinheiro oxidável existe: o dinheiro em todos os estados capitalistas bem-sucedidos perde constantemente seu valor - inflação. Embora esse certamente não seja o tipo de dinheiro oxidável que Harvey tem em mente, ele ressalta que acumular dinheiro não é o que torna as empresas capitalistas bem-sucedidas.

Em uma sociedade baseada na troca de mercadorias, os proprietários de propriedades privadas usam suas mercadorias como alavanca contra os outros para ter acesso ao que precisam e desejam. Eles equiparam cada mercadoria no mercado, reduzindo assim os diferentes tipos de trabalho necessários para reproduzi-las ao trabalho humano em abstrato. Seus produtos de trabalho contam como parte da riqueza social abstrata, que encontra no dinheiro sua expressão adequada. Essa abstração do trabalho humano está no centro da crítica de Marx ao modo de produção capitalista. Nenhum dinheiro oxidável pode afetar isso. É esse mal-entendido sobre a crítica de Marx ao valor e ao trabalho humano abstrato que é a premissa que permite a Harvey propor um sistema monetário que reproduziria as relações sociais que temos atualmente e deixaria intacta a miséria generalizada de nosso mundo. Para desafiar isso, seria necessário desafiar o próprio valor e a produção para troca que dá origem a ele.

¹⁷ Para que o ouro possa ser mantido como dinheiro e formar um tesouro, ele deve ser impedido de circular ou de se dissolver nos meios de compra de prazeres. O entesourador, portanto, sacrifica os desejos de sua carne ao fetiche do ouro. - *Capital*, p. 231.

Fetichismo

David Harvey não preocupa os leitores de *A Companion* com uma descrição do que é o trabalho abstrato, o que é o valor e o que isso significa para aqueles que estão sujeitos a ele. Para ele, a produção de mercadorias como tal não é um modo de produção que precise ser comentado, explicado ou criticado. Consequentemente, ele também se esforça para explicar o caráter fetichista das mercadorias. Eis o que Marx tinha a dizer:

"O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que a mercadoria reflete as características sociais do próprio trabalho dos homens como características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sacionaturais dessas coisas. Portanto, ela também reflete a relação social dos próprios produtores com a soma total do trabalho como uma relação social que existe à parte e fora dos produtores."

- *Capital*, p.164-165

"Os objetos de utilidade tornam-se mercadorias apenas porque são produtos do trabalho de indivíduos particulares que trabalham independentemente uns dos outros. A soma total do trabalho de todos esses indivíduos particulares forma o trabalho agregado da sociedade. Como os produtores não entram em contato social até que troquem os produtos de seu trabalho, as características sociais específicas de seus trabalhos privados aparecem apenas nessa troca. Em outras palavras, o trabalho do indivíduo privado se manifesta como um elemento do trabalho total da sociedade somente por meio das relações que o ato de troca estabelece entre os produtos e, por meio de sua mediação, entre os produtores. Para os produtores, portanto, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como o que são, ou seja, não aparecem como relações sociais diretas entre pessoas em seu trabalho, mas sim como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas."

- *Capital*, p.165

Como vimos, a produção é realizada com base em unidades de produção privadas que produzem para outros e, em seguida, colocam seus produtos no mercado com base no cálculo de que podem usá-los como um meio de acesso à riqueza social. Sob essas condições, os produtos do trabalho, as mercadorias, tornam-se imbuídos de

propriedades sociais. Essas propriedades sociais aparecem como propriedades das próprias mercadorias que, por sua vez, reagem sobre seus produtores.

No mercado, as commodities estabelecem uma relação com outras commodities. Uma certa quantidade de café é trocada por uma certa quantidade de vinho e isso se reflete em um preço. Por meio desse processo, essas mercadorias não apenas parecem ter, mas de fato têm, relações umas com as outras. É por meio das relações entre suas mercadorias que as relações sociais de produção entre os produtores se manifestam.

Para esses produtores privados, o fato de seus respectivos trabalhos concretos serem reduzidos a um trabalho humano abstrato homogêneo aparece na forma da igualdade dos produtos do trabalho: "minha mercadoria troca pela deles". O tempo de trabalho socialmente necessário para produzir uma determinada mercadoria aparece como a relação do valor dessa mercadoria com outras mercadorias: "minha mercadoria vale o dobro da deles". As relações entre os diferentes trabalhos concretos dos produtores de mercadorias aparecem como uma relação social dos produtos do trabalho: "meu vinho não é mais vendido no mercado, bem, então terei de produzir queijo". Marx descreve essa situação em que os produtos do trabalho parecem e de fato têm poder sobre seus produtores como o caráter fetichista da mercadoria.

Mesmo que um produtor de commodities estude *o Capital* e chegue à conclusão de que a magnitude do valor que seu produto comanda no mercado é uma expressão dos tempos médios de produção dos produtores de tais produtos (trabalho melhor e mais rápido!); ou se, de modo geral, por exemplo, foram fabricados mais desses produtos do que as pessoas estavam dispostas a pagar; ou que o que uma soma de valor pode comprar expressa uma relação entre o trabalho nesse setor e o trabalho em outros - todas essas constatações não mudam nada em relação ao fetiche. As mercadorias ainda se relacionam umas com as outras e, portanto, as pessoas ainda não controlam suas próprias relações umas com as outras na produção, mas são controladas pelo resultado das comparações de seus produtos no mercado.

No entanto, nas mãos de David Harvey, o caráter fetichista das mercadorias torna-se um problema, não da falta de controle consciente sobre a atividade produtiva humana, mas simplesmente da falta de conhecimento sobre as relações de produção. *A Companion* toma como exemplo uma cabeça de alface:

"Você entra em um supermercado e quer comprar um pé de alface. Para comprar a alface, você precisa desembolsar uma certa quantia de dinheiro. A relação material entre o dinheiro e a alface expressa uma relação social porque o preço - o "quanto" - é determinado socialmente e o preço é uma representação monetária do valor. Oculta nessa troca de coisas no mercado está uma relação entre você, o consumidor, e os produtores diretos - aqueles que trabalharam para produzir a alface."

- A Companion, p. 39

Até aí tudo bem. Infelizmente, a apresentação se torna um pouco como uma salada de folhas mistas:

"Não só não é preciso saber nada sobre o trabalho ou os trabalhadores que congelaram o valor na alface para comprá-la; em sistemas de troca altamente complicados é impossível saber qualquer coisa sobre o trabalho ou os trabalhadores, e é por isso que o fetichismo é inevitável no mercado mundial [...] Não é possível, por exemplo, descobrir no supermercado se a alface foi produzida por trabalhadores felizes, trabalhadores miseráveis, trabalhadores escravos, trabalhadores assalariados ou algum camponês autônomo. As alfaces são mudas, por assim dizer, em relação a como foram produzidas e quem as produziu."

- A Companion, p.40

No entanto, o caráter fetichista das mercadorias não é uma descrição do fato de que não temos conhecimento sobre a cadeia de produção. Qualquer divisão social do trabalho razoavelmente complexa apresenta a possibilidade de não sabermos como as coisas que consumimos foram feitas¹⁸.

Os produtos de comércio justo, que exibem algo sobre as condições dos trabalhadores que os produziram em seu rótulo, ou mesmo as webcams ao lado das camisetas à venda em qualquer loja de rua que mostrem o interior da fábrica onde são produzidas, não mudam o fato de que o trabalho despendido na produção desses itens está relacionado a outro trabalho humano por meio da soma de dinheiro expressa no preço.

¹⁸ É claro que há divisões de trabalho razoavelmente complexas em que se pode facilmente descartar o trabalho escravo, o trabalho assalariado e o trabalho autônomo: produção racional para valor de uso.

Na conclusão, a ênfase no caráter fetichista que se deve simplesmente à falta de conhecimento, e não à dominação objetiva das pessoas pelos produtos de seu trabalho, surge novamente - aparentemente, estamos apenas "sob o *risco* de sermos governados por conceitos fetichistas que nos cegam para o que realmente está acontecendo"¹⁹. Da última vez que verificamos, não éramos governados por conceitos, mas por uma realidade que é descrita por esses conceitos, ou seja, na verdade, dependemos do dinheiro para tomar vinho e comer queijo, e não apenas corremos o risco. Entendemos por que isso acontece, mas, ainda assim, aqui estamos nós.

O que David Harvey, em *A Companion*, retira do capítulo sobre fetiche do *Capital* é que o valor "não é um fato da natureza, mas uma construção social decorrente de um modo de produção específico."²⁰ Embora isso seja correto, ele não explica de fato, e muito menos critica adequadamente, esse modo de produção específico. Como muitos comentaristas antes dele, ele se contenta em escrever que o valor é um produto da história e uma relação social sem perguntar o que foi produzido e o que está em uma relação social com o quê.

A Companion cita a acusação de Marx contra os economistas políticos, uma acusação que parece se aplicar igualmente a Harvey:

"A economia política de fato analisou o valor e sua magnitude, embora de forma incompleta, e revelou o conteúdo oculto nessas formas. Mas nunca fez a pergunta por que esse conteúdo assumiu essa forma específica, ou seja, por que o trabalho é expresso em valor e por que a medida do trabalho por sua duração é expressa na magnitude do valor do produto. Essas fórmulas, que carregam a marca inconfundível de pertencer a uma formação social na qual o processo de produção tem domínio sobre o homem, em vez do contrário, parecem à consciência burguesa dos economistas políticos como uma necessidade tão evidente e imposta pela natureza quanto o próprio trabalho produtivo."

- *Capital*, p.174

A diferença, entretanto, entre esses economistas políticos e David Harvey é que este último - sendo marxista e tudo o mais - reconhece que o valor não é natural. No entanto,

¹⁹ *A Companion*, p. 47 (grifo nosso).

²⁰ *A Companion*, p. 46.

ele não parece achar que vale a pena incomodar o leitor com o que ele realmente é, o que constitui sua substância e o que isso significa para aqueles que estão sujeitos a ele.

Portanto, aqueles que lerem o *A Companion* para guiá-los através de *O Capital* ficarão desapontados: ele não oferece um relato adequado do que Marx disse nem do modo de produção capitalista.